



***Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso*, de Diego Leite de Oliveira e Karen Sampaio B. Alonso**

Roberto de Freitas Junior

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6237-1040>

E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br

Iulo Almeida Alves

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7289-1514>

E-mail: iuloalmeida@gmail.com

Nesta resenha, apresentamos algumas das principais ideias desenvolvidas na obra *Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso*, dos professores Diego Leite de Oliveira e Karen Sampaio B. Alonso, docentes da Faculdade de Letras da UFRJ.

De modo geral, é possível afirmar que a obra em foco se caracteriza a partir de um principal objetivo: apresentar discussões contemporâneas sobre a denominada Linguística Baseada no Uso (LBU), revisitando não apenas os tópicos teóricos mais atuais e de interesse do campo, mas também discussões acerca dos fundamentos cognitivos, sociais e epistemológicos daquilo que contemporaneamente chamamos de LBU, seus modelos de gramática e visão de entendimento sobre a linguagem.

Dessa forma, começemos pelas palavras finais dos autores, que, ao concluírem toda discussão densa e profunda que o livro nos propõe, resumem certa hora o que de fato caracteriza modelos linguísticos baseados no uso, a saber, o compromisso com a visão que defende que

a representação gramatical como conhecimento subjacente decorre da experiência linguística, a partir da associação de processos cognitivos de domínio geral — não exclusivamente linguísticos — às instâncias de uso com as quais um indivíduo se depara no decorrer da vida (Oliveira; Alonso, 2024, p. 323).

O resumo do ponto revela a preocupação dos autores, identificada ao longo da leitura do livro, em apresentar ao público leitor discussão técnica, aprofundada e com linguagem acessível sobre um assunto de imensa importância, muitas vezes não tão bem compreendido mesmo por especialistas do campo da Linguística.



Ao citar esta resenha, referenciar como: FREITAS JR., Roberto de; ALVES, Iulo Almeida. *Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso*, de Diego Leite de Oliveira e Karen Sampaio B. Alonso. **Matraga**, v. 33, n. 67, p. 200-205, jan./abr. 2026.

DOI: 10.12957/matraga.2025.94170

Recebido em: 30/06/2025

Aceito em: 06/11/2025

Nesse mesmo trecho, os professores destacam o fato de que, em diferentes áreas de atuação e investigação, pesquisadores podem se valer de situações reais de uso linguístico apesar de não trabalharem com uma linguística tipicamente baseada no uso, foco de discussão da obra. Também destacam a possibilidade de que tantos outros modelos podem abrir mão de desenvolverem pesquisas com foco em “dados empiricamente atestados” (Oliveira; Alonso, 2024, p. 323) e serem, ainda assim, representantes da denominada LBU, na medida em que encaram a realidade da representação cognitiva gramatical como resultante da interação entre experiência e princípios cognitivos gerais que levam à emergência do conhecimento linguístico.

O resumo, desenvolvido pelos autores em suas Palavras Finais, sobre o que seja um modelo linguístico baseado no uso leva em boa medida à reflexão e à esmiuçada discussão sobre as bases conceituais do que contemporaneamente se entende por uma LBU. Dessa forma, voltemos, ao todo da obra, na tentativa de apresentarmos seu fluxo de pensamento e organização, o que, em nossa opinião, a define como leitura obrigatória para interessados em Linguística, particularmente em LBU e suas bases epistemológicas.

Após a apresentação do primeiro capítulo, “Primeiras considerações sobre uma teoria baseada no uso”, o livro se desenvolve em cinco macropartes, cada qual apresentando uma linha de pensamento que constrói junto ao leitor um fluxo lógico e fácil de discussão sobre modelos baseados no uso.

A obra se desenrola, portanto, a partir da Parte I, que focaliza aspectos relativos à visão da língua como fenômeno heterogêneo e complexo; seguida pelas partes: II, que apresenta discussões sobre as bases biológicas/cognitivas para a linguagem; III, que inicia a discussão sobre o conceito de redes; IV, que descreve a visão de conhecimento linguístico como representação em rede gramatical de itens simbólicos e suas inter-relações; e V, que destaca o papel exercido por redes sociais, na relação entre língua e sociedade.

No primeiro capítulo, os autores resumem o que desenvolverão em termos teóricos ao longo do livro, mas iniciam suas discussões destacando o sentido experientialista do termo “baseado no uso”, proposto por Ronald Langaker em *Foundations of Cognitive Grammar* (1987). Mais à frente, destacam o fato de ser a LBU uma proposta teórica afastada das perspectivas formalistas/estruturalistas da Linguística e assim a rotulam, posto que concebe, entre outros pontos, a língua como objeto de caráter heterogêneo, baseado na inter-relação de unidades simbólicas convencionalizadas, e não em um objeto composto por um “componente computacional (gramática) e um conjunto de unidades combinatórias (léxico)” (Oliveira; Alonso, 2024, p. 29), sendo ainda emergente a partir da atuação de faculdades cognitivas não especificamente linguísticas, mas de domínio geral.

Ainda na definição sobre LBU, destacam a visão que defende que a formação e reformulação da língua é vista como diretamente dependente de experiências linguísticas particulares vividas em múltiplas oportunidades de trocas comunicativas, o que leva, em última instância, à emergência de gramáticas individuais, dotadas de especificidades refletidas na produção e na aceitabilidade gramatical no nível do indivíduo e no das comunidades em que estão integrados. Assim, dando início ao processo de discussão sobre as bases epistemológicas utilizadas na formação do pensamento da LBU, os autores, na Parte 1 do livro, abordam em dois capítulos temas sobre a heterogeneidade e complexidade da língua.



Inicialmente, ao tratarem dos aspectos heterogêneos da língua, destacam a visão de LBU, tendo em vista três dicotomias discutidas em Saussure (2012): (1) a distinção entre gramática e uso; (2) a divisão entre análise linguística sincrônica e diacrônica; e (3) a separação entre um domínio de regularidades (gramatical) de um de idiossincrasias (lexical). Para modelos formalistas, os três pontos seriam explicados pela hipótese de que a língua seja objeto homogêneo e estável, passível de análise independente da temporalidade e de fatores externos diversos. A LBU, entretanto, refuta os pontos ao defender, a partir da base epistemológica que a fundamenta, o caráter heterogêneo, complexo, dinâmico e emergente com os quais se constituiria a gramática, via associação entre experiência linguística e processos cognitivos de domínio geral.

Ao tratar dos aspectos referentes à complexidade da língua, a Parte I do livro aborda a definição de sistema adaptativo complexo, na defesa de que a língua em si seja representante de tal tipo de configuração organizacional. Tipicamente, um sistema adaptativo complexo, de acordo com os autores, constitui-se como resultante da atuação de uma gama de elementos participantes em interação, o que implica relações de maior grau de dinamicidade, não linearidade, não previsibilidade, (re)acomodação e emergência de produtos resultantes dessa interação. A visão que sustenta a hipótese de ser a língua um exemplo de um sistema adaptativo complexo está diretamente ligada a fatores relativos à neurologia/cognição humana, à heterogeneidade de falantes, de comunidades de fala e de tipos de interações sociais, além da própria natureza arquitetônica da representação gramatical. São destacados, portanto, nesse momento, três aspectos em interação, ligados ao processo de emergência, formação e (re)formulação da língua, caracterizados a partir dos conceitos de redes neurais, sociais e gramaticais (assuntos retomados, mais à frente e com maior atenção, nas Partes III, IV e V do livro).

A Parte II da obra versa sobre a emergência da cognição e capacidade de linguagem da espécie humana, desdobrando-se em três capítulos, que focalizam diferentes aspectos da discussão, incluindo-se aqueles com os quais a própria LBU não se alinha. Obviamente, assim fazem os autores na tentativa de apresentar um debate calcado e responsável sobre os temas, tendo por objetivo justificar, de modo fundamentado e com a perspectiva do contraditório, seus pontos de vista.

Entre outros aspectos, no capítulo 4 são discutidas questões referentes às habilidades cognitivas associadas a espécies em geral, comparadas com a realidade das “habilidades cognitivas surpreendentemente complexas” (Oliveira; Alonso, 2024, p. 97) de nossa espécie. Assim, os autores revisitam discussões sobre cognição animal e possíveis correlações com a capacidade da linguagem. No capítulo, são apresentados casos marcantes da literatura, como o do famoso bonobo Kanzi e sua “espontânea” e extraordinária capacidade de memória, simbolização e produção de protosentenças, o que produziu grandes debates no âmbito dos interessados em biologia da linguagem.

Ao provocarem a discussão sobre a relação entre cognição e linguagem em diferentes espécies, os autores trazem à baila de nossas reflexões a diferença abissal da relação entre pensamento, linguagem e comunicação humana frente às outras espécies. Dessa forma, revisitam conceitos, como os de “cognição social”, “intencionalidade compartilhada”, “transmissão cultural”, e tantos outros, presentes em obras como a de Tomasello (2019), que apresentam explicações sociointe-

racionais e de base cognitiva baseada no uso, para a questão do desenvolvimento da linguagem humana, condizentes com princípios previstos na lógica da própria teoria da evolução.

O capítulo 5 aborda a discussão sobre a possibilidade de existência de um gene especificamente voltado para a aquisição da linguagem em nossa espécie. Os autores revisitam pesquisas e discussões acerca do gene FOXP2, o qual, a partir de evidências surgidas de situações de distúrbios de linguagem de uma mesma linhagem familiar, seria apontado como o responsável pela base genética da linguagem na espécie humana. Após desenvolverem o ponto, os autores salientam que, ao lado dos que suportam tal hipótese, estão os que defendem a ideia de que, no fim das contas, a questão da linguagem estaria muito mais associada a “habilidades superiores nas quais os humanos se apoiam para desenvolver uma língua” (Oliveira; Alonso, 2024, p. 113). O capítulo enfatiza, assim, o profícuo campo de discussão em que tal ponto se encerra.

Na sequência, no capítulo 6, os autores abordam a questão da criatividade linguística: a possibilidade de criação de enunciados de diferentes graus de complexidade e expressividade e fator diretamente associado à emergência de padrões linguísticos, a partir da experiência com o uso da língua e dos processos cognitivos de domínio geral.

Abrindo as discussões sobre os tipos de redes, a Parte III do livro centra-se na discussão sobre redes neurais. No capítulo 7, os autores abordam a questão, mostrando que o funcionamento integrado e os diferentes valores de peso e ativação de neurônios explicariam, entre outras coisas, o funcionamento dos processos cognitivos responsáveis pela emergência do conhecimento, incluindo-se o conhecimento linguístico. Ademais, os autores salientam a importância de um modelo de redes na explicação de uma visão de arquitetura gramatical de base conexionista.

O capítulo 8 versa, por sua vez, sobre os processos cognitivos que atuam na emergência, formação e reformulação da linguagem. De modo muito particular, versa sobre o fato de toda realidade — incluindo-se a gramatical — ser forjada a partir das experiências particulares, submetidas ao domínio das faculdades cognitivas de domínio geral. Assim, no capítulo são discutidas questões relativas (1) ao papel dos sistemas sensoriais na percepção individualmente forjada, (2) à capacidade de convencionalização entre formas e significados via associação intermodal, (3) à formação de representações gramaticais, associada aos processos de categorização e analogia, (4) ao papel da memória e capacidade de armazenamento dos dados da experiência e (5) ao *chunking*, processo cognitivo que produz efeito de facilitação da memória, em um contexto em que interagem frequência e sequencialidade. Os processos descritos não se restringem, obviamente, à explicação sobre a emergência do conhecimento linguístico, mas atuam de modo particular nesse contexto, ponto amplamente discutido no referido capítulo.

Em “Modos de estar e ver o mundo”, os autores, baseados em Diessel (2019), focalizam a relação entre linguagem e cognição, centrando-se em outro grupo de processos cognitivos relacionados ao ponto: aqueles relativos à cognição social e à conceptualização. Nesse sentido, abordam conceitos como os de atenção conjunta, leitura de intenções e base comum, particularmente relevantes para o entendimento da aquisição de linguagem em perspectiva baseada no uso. Ademais, abordam pontos como os de perspectivização, metáfora, metonímia e figura-fundo, relevantes para o entendimento sobre como seres humanos constroem e transmitem a experiência de modo subjetivo e cognitivamente orientado.



Na Parte IV do livro, os autores tratam do conceito de redes gramaticais. A partir do ilustrado entre os capítulos 10 e 13, apresentam a perspectiva que defende ser a língua uma rede conceptual de unidades simbólicas, construções, com diferentes graus de complexidade e esquematicidade. Assim, mostram como as construções são entendidas como pareamentos conexionalmente organizados, a partir de diferentes tipos de relações básicas (sequenciais, simbólicas e taxonômicas), associadas ao papel exercido por processos cognitivos, em função da compreensão e organização dos dados da experiência. Focalizam, ainda, a discussão sobre dois outros tipos de relações mantidas entre construções: as de preenchimento de *slot* e as horizontais.

A Parte IV é finalizada com a discussão sobre a representação da variação e do contato linguístico. Especificamente, o fazem no capítulo treze, no qual os autores revisitam, entre outras coisas, o modelo representacional da fonologia de uso (Bybee, 2010) e o modelo representacional da Gramática de Construções Diassistêmica (Höder, 2014), destacando que tanto a variação como a linguística de contato ainda são áreas prósperas de investigação no âmbito da LBU.

Na Parte V do livro, no capítulo 14, são abordadas questões relativas à noção de redes sociais no âmbito da Sociologia e da Sociolinguística Variacionista. Os autores revisitam as características morfológicas e interacionais das redes sociais, observando-as no âmbito da variação, conservação e mudança linguística, tanto no nível do indivíduo quanto no de comunidades linguísticas, tendo em vista a noção de arquitetura de redes densas e multiversas. Nesse mesmo capítulo, discutem o trabalho de Barlow e Kemmer (2000), texto clássico para o entendimento da LBU, segundo o qual falantes que mantêm maior incidência de interação verbal entre si apresentam maior probabilidade de uso linguístico convergente, assim como, de modo inversamente proporcional, indivíduos com menor grau de interação apresentam maior potencial de variação inter-sujeitos. Os autores explicam o fato por fatores como a frequência de uso e seu impacto na (re)formulação da rede gramatical, ratificando a hipótese sobre o afetamento da gramática através da experiência com o uso da língua.

No capítulo 15, é discutida a hipótese do nicho linguístico, segundo a qual a estrutura linguística se acomoda à estrutura social dos usuários da língua. O ponto dos autores consiste na defesa de que a LBU e sua práxis voltada para a investigação da língua na interface entre uso, cognição e sociedade possam se constituir em uma área de fundamental importância para o aprofundamento dessas discussões.

Diante do exposto ao longo desta reflexão, concluímos essa resenha retornando às Palavras Finais da obra *Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso*. Em suas considerações, os autores acentuam a importância do avanço das ciências cognitivas e sua consequente contribuição para a ratificação da hipótese geral da LBU de que seja possível “derivar a língua da não língua”, tal como defende Bybee (2010). Sem dúvidas, a referida obra deixa-nos um legado importante para a reflexão sobre a hipótese.

REFERÊNCIAS

- BYBEE, Joan. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. **Usage-Based Models of Language**. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- HÖDER, Steffen. Constructing diasystems: grammatical organisation in bilingual groups. In: ÅFARLI, Tor A.; MÆHLUM, Brit. **The Sociolinguistics of Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 137-152.
- LANGACKER, Ronald. **Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1.
- OLIVEIRA, Diego Leite de; ALONSO, Karen Sampaio Braga. **Conhecimento em rede: laços e entrelaços da língua em uso**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.
- TOMASELLO, Michael. **Becoming Human: a theory of ontogeny**. Cambridge: The Belknap Press, 2019.

